

## OS PECADOS NA TRADIÇÃO BESTIÁRIA MEDIEVAL: O EXEMPLO DA INVEJA E O ONAGRO

Edilson Alves de SOUZA<sup>1</sup>  
Pedro Carlos Louzada FONSECA<sup>2</sup>

### Resumo:

Este trabalho tem o objetivo de demonstrar como ocorre a representação do pecado capital da inveja dentro da tradição bestiária medieval. Para tanto, selecionamos o capítulo referente ao onagro, presente na obra *The book of beasts: being a translation from a latin bestiary of the twelfth century*, traduzido e editado por Terence Hanbury White.

**Palavras-chave:** Bestiário Medieval; *The book of beasts*; Pecados Capitais; Onagro; Inveja.

### Abstract:

This work aims to demonstrate how the representation of the deadly sin of envy occurs within the medieval bestiary tradition. We selected the chapter about onagro, present in the work *The book of beasts: being a translation from a latin bestiary of the twelfth century*, translated and edited by Terence Hanbury White.

**Keywords:** Medieval Bestiary; *The book of beasts*; Deadly Sin; Onagro; Envy.

*O homem transformou-se tantas vezes em besta, quantos os vícios que nele se acolheram.*

Genoveffa Palumbo

No período medieval, a natureza é lida como um repositório de emblemas que simbolizam o poder Divino. Por meio dela, os mediévidos deviam buscar modelos de ensinamento e de edificação moral. Tal consideração era realizada, a partir dos preceitos da religiosidade do medievo, a qual preconizava ser a *natura*, como Criação de Deus, fonte de doutrina espiritual e moral. A esse respeito, Maurice Van Woensel (2001), em seu livro *Simbolismo animal na Idade Média: os bestiários: um safári literário à procura de animais fabulosos*, salienta que

[n]a cosmovisão cristã, incontestada durante tantos séculos, cada animal e cada planta, os rios e o relâmpago, a floresta e o arco-íris eram um livro aberto, eram figuras de outra realidade, sobrenatural e eterna. Tudo que Deus criou tinha um sentido profundo e os clérigos se empenhavam na descoberta do significado de cada coisa ou ser criado (p. 15).

Esse simbolismo dos animais encontrava ressonância na passagem bíblica pertencente ao livro de Jó. Esta versa sobre o conhecimento e a virtude que o homem conseguiria caso indagasse os seres da natureza: “Pergunta, pois, ao gado e ensinar-te-á, às

---

<sup>1</sup> Professor de Teoria Literária no Curso de Letras da Universidade Estadual de Goiás (UEG) – Câmpus Campos Belos – e mestrando em Letras e Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás (UFG). E-mail: <edilson.paceros@hotmail.com>.

<sup>2</sup> Professor Doutor Titular de Literatura Portuguesa da Faculdade de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás (UFG). E-mail: <pfonseca@globocom.com>.

SOUZA, Edilson Alves de; FONSECA, Pedro Carlos Louzada. Os pecados na tradição bestiária medieval: o exemplo da inveja e o Onagro.

aves do céu e informar-te-ão. Os répteis da terra dar-te-ão lições, os peixes do mar te hão de narrar, quem não haveria de reconhecer que tudo isso é obra da mão de Deus? Em sua mão está a alma de todo ser vivo e o espírito de todo homem carnal” (Jó, 12,7-10).

Nessa atividade explicativa a respeito dos seres e das coisas da natureza, deparamo-nos com um dos livros mais lidos e copiados dessa época, o Bestiário ou “Livro das Bestas”. De acordo com Pedro Carlos Louzada Fonseca (1999, p. 173): “No conjunto das intrincadas formações mentais elucubradas pela imaginação medieval, os livros bestiários representaram, sem dúvida alguma, um dos mais significativos repositórios da hermenêutica cristã relativa à explicação e finalidade dos seres da natureza”. Desse modo, os clérigos, seus autores, eram encarregados de descrever e descobrir o significado da existência dos animais, e assim, incuti-los nesses códices, retratando os ensinamentos, os moldes de vivência cristã exigidos pela Igreja. Eles “[...] queriam antes de mais nada catequizar o leitor e cada descrição de animal levava a uma devota lição” (VAN WOENSEL, 2001, p. 15). Com isso, percebemos que

Subordinando a *naturas* à *figuras*, na maioria das vezes por intermédio da citação bíblica que organiza as narrativas, o Bestiário remete para o modo de significação característico da Idade Média: nele **os animais deixam de ser apenas animais para se assumirem como *exempla*, isto é, como símbolos de vícios ou virtudes e fonte de ensinamentos religiosos e morais** (VARANDAS, 2006, p. 1, grifo nosso).

Como fontes de edificação do cristão, a *ménagerie* listada nos bestiários, como vimos, recebe uma interpretação alegórica por meio da qual simboliza tanto o bem como o mal. Nessa direção, as alimárias listadas em tais códices, representando condutas humanas, edificavam por tese e antítese, sendo associadas aos vícios e às virtudes. É por esse motivo que Umberto Eco (2012, p. 96), pondera que “[...] para cada virtude e para cada pecado há um exemplo tirado dos bestiários”.

Nesse artigo, a fim de ilustrar a relação entre os pecados capitais e as criaturas descritas nos bestiários, selecionamos o capítulo referente ao onagro, presente na obra *The book of beasts: being a translation from a latin bestiary of the twelfth century*, traduzido e editado por Terence Hanbury White, também conhecido como bestiário de Cambridge. Em tal obra, o onagro pode ser relacionado à inveja, consoante veremos a seguir.

SOUZA, Edilson Alves de; FONSECA, Pedro Carlos Louzada. Os pecados na tradição bestiária medieval: o exemplo da inveja e o Onagro.

## A inveja e o onagro

*Deus criou o homem para a incorruptibilidade e o fez imagem de sua própria natureza. Foi por inveja do diabo que a morte entrou no mundo: experimentam-na quantos são de seu partido).*

*Sabedoria 2:23-24*

Na passagem bíblica destacada na epígrafe deste tópico, retirada do livro de Sabedoria, Deus criou o homem à sua imagem e semelhança e, por inveja, o diabo fez com que a morte e o pecado entrassem no mundo. A palavra inveja, do substantivo latino *invidia* e do verbo *in-videre*, significa olhar com maus olhos, lançar sobre o outro um olhar de malícia. “A inveja é um olhar lateral, lançado assim, pela quina do olho. A inveja não olha de frente [...] é um olhar enviesado, de viés” (COLASANTI, 2001, p. 82) sobre o outro e sobre o que ele tem. Incurremos nesse pecado, quando não suportamos olhar o bem alheio. No momento em que o diabo olhou para Adão e Eva e observou que viviam em estado de graça no Paraíso, partilhando da presença de Deus, não tolerou a alegria deles. Assim, por não poder participar daquela felicidade, o diabo resolveu tentá-los, transformando-se em serpente e fazendo com que comessem do fruto proibido. Por causa disso, o casal primordial foi ferido de morte pela inveja.

Por meio do significado da palavra inveja e do relato bíblico, notamos que o tema do olhar é fundamental para o seu entendimento. E não é qualquer olhar, é um “olhar com maus olhos” (ou mau olhado). Na parábola dos trabalhadores da vinha, um pai de família sai cedo de casa com o intuito de admitir empregados para a sua vinha. E assim procede, contratando-os por um denário por dia. Após combinar com o primeiro grupo o serviço, às seis horas da manhã, sai em outros horários (terceira, sexta e nona horas), e emprega mais trabalhadores. Por fim, sai também na hora undécima e contrata outros. Chegada à tarde, o dono da vinha pagou o mesmo salário para todos, provocando inveja e revolta naqueles que tinham começado a trabalhar mais cedo. Então, o dono do campo pergunta: “Não tenho o direito de fazer o que eu quero com o que é meu? **Ou o teu olho é mau** porque eu sou bom?” (Mateus 20,15, grifo nosso).

O dono da vinha não foi injusto, pagou o combinado para todos. No entanto, os primeiros trabalhadores não ficaram felizes pelos outros terem recebido o mesmo valor, ainda que não tenham sido prejudicados. Nesse sentido, “[...] o bem se torna opaco para o invejoso;

SOUZA, Edilson Alves de; FONSECA, Pedro Carlos Louzada. Os pecados na tradição bestiária medieval: o exemplo da inveja e o Onagro.

ele só enxerga o que imagina que poderia ter recebido e, de fato, não recebeu; não vê a liberalidade feita ao outro. Até gostaria de privá-lo dela” (HORTAL, 2001, p. 70).

É esse “privar o outro” que move o invejoso. Este, ao olhar o que o outro tem, se entristece, não porque aquilo lhe falta, mas porque o outro tem. Em vista disso, o “[...] que o invejoso realmente quer é que o outro não tenha. A inveja requer comparação entre o Eu e o Outro e implica no desejo de suprimir as diferenças. É uma maneira de nivelar por baixo: se eu não posso ter, não suporto conviver com alguém que tenha” (MENDONÇA, 2001, p. 76).

A inveja, então, se caracteriza pela tristeza dos bens que os outros possuem, sejam eles: a felicidade, a amizade, o dinheiro, a casa, a inteligência, o emprego, o trabalho, o sucesso, o amor. Por essa razão, está estreitamente ligada à cobiça e ao décimo mandamento: “Não cobiçarás a casa do teu próximo, não cobiçarás a sua mulher, nem o seu escravo, nem a sua escrava, nem o seu boi, nem o seu jumento, nem coisa alguma que pertença a teu próximo” (Êxodo 20, 17).

Além das passagens já mencionadas, a inveja aparece em diversos outros relatos bíblicos, tais como: “Raquel, vendo que não dava filhos a Jacó, tornou-se invejosa de sua irmã” (Gênesis 30,1); “Desse dia em diante, Saul sentiu inveja de Davi” (1 Samuel 18,9); “Mau é o homem de olhar invejoso, que vira o rosto e despreza a vida dos outros” (Eclesiástico 14,8); “Ele [Pilatos] sabia, com efeito, que eles o haviam entregue por inveja” (Mateus 27,18); “Um coração bondoso é vida para o corpo, mas a inveja é cárie para os ossos” (Provérbios 14,30); “Não caminharei junto com a inveja corrosiva que com a Sabedoria não comunga” (Sabedoria 6,23). Por meio dessa última passagem bíblica, tocamos em outro ponto referente à inveja: sua corrosividade. A inveja corrói o invejoso e o faz sofrer, pois ele não fica feliz enquanto o outro tem o que lhe causa tal sentimento. Destarte, podemos dizer que a inveja é insaciável e no desejo de arruinar o outro, ela acaba prejudicando o próprio invejoso. Ao tratar sobre o tema, Santo Agostinho (apud RUBIO, 1996, p. 249) apresenta a inveja como um angustiante

[...] mal da alma, vírus da mente e fulminante corrosivo do coração, é invejar os dons de Deus que o irmão possui, sentir-se desafortunado por causa da fortuna dos outros, atormentar-se com o êxito dos demais, cometer um crime no segredo do coração, entregando o espírito e os sentidos à tortura da ansiedade.

SOUZA, Edilson Alves de; FONSECA, Pedro Carlos Louzada. Os pecados na tradição bestiária medieval: o exemplo da inveja e o Onagro.

Por meio da citação anterior, verificamos que Santo Agostinho elenca alguns dos sentimentos que a inveja pode desencadear, destacando que o invejoso vive em contínuo sofrimento. Talvez, por esse motivo, é que ele seja considerado como um dos pontos centrais das discussões sobre a inveja, visto que ela não busca prazer, como ocorre com os demais pecados. A pessoa avara tem prazer pela posse; a colérica, pela vingança; a orgulhosa, pela autossatisfação; a vaidosa, pelos elogios dos outros; a acídica, pelo relaxamento do corpo e da alma; a gulosa e a luxuriosa, contentam-se pelos prazeres carnis. Em síntese, a inveja é sofrimento puro, pecado sem alegria (CASAGRANDE, VECCHIO, 2003, p. 71).

Apesar de ser retratada frequentemente na Bíblia, a inveja não é apontada na listagem de vícios capitais de Evágrio (século IV d.C). Igualmente, não é catalogada por Cassiano (século V d.C) como vício capital, sendo citada por ele na qualidade de filha da soberba: “A vanglória dá origem às disputas, à jactância, ao gosto pelas novidades, enquanto a soberba gera o desprezo, a inveja, a desobediência, a blasfêmia, a murmuração e a detração” (*Conferências V*, 16).

A inveja aparece como pecado capital na lista de Gregório (século VII d.C), o qual não somente a inclui em sua categorização como a posiciona em segundo lugar. Provavelmente, os relatos bíblicos e a tradição patrística influenciaram a escolha dele. No entanto, não seriam suficientes para elevar a inveja à condição de pecado capital, caso pretendesse apenas a perfeição espiritual dos homens que viviam separados do mundo, como os monges, para os quais escreviam Evágrio e Cassiano. Gregório Magno, ao redigir sobre o tema, pensava para além dos muros do monastério, em um mundo no qual a inveja causava tensões e conflitos entre homens e mulheres. Dessa maneira, para ele, alistar a inveja entre os pecados capitais se traduzia, simultaneamente, em uma necessidade e em uma forma de evidenciar a existência constante desse pecado na sociedade (CASAGRANDE, VECCHIO, 2003, p. 69).

Como a inveja é um pecado que atinge a sociedade, Gregório (*Morals On The Book Of Job*, XXXI, 45,88) comenta: “Da inveja nascem o ódio, a murmuração, a difamação, o regozijo pelos infortúnios do próximo e a aflição por sua prosperidade”<sup>3</sup>. Após Gregório, a inveja continua em diversas listas, como na de Rabano Mauro ou na de Tomás de Aquino, e, desde então, passa a ser considerada como um dos pecados mais fecundos.

---

<sup>3</sup> Lê-se no original: *From envy there spring hatred, whispering, detraction, exultation at the misfortunes of a neighbour, and affliction at his prosperity.*

SOUZA, Edilson Alves de; FONSECA, Pedro Carlos Louzada. Os pecados na tradição bestiária medieval: o exemplo da inveja e o Onagro.

A apresentação da inveja nos *Physiologi* e nos bestiários também foi profícua. Uma fauna representativa desse pecado pode ser descrita por animais como a raposa, que é humanamente invejosa (ZUCKER, 2004, p. 127); pelo cachorro, pois ele morde com os dentes o que invejosos mordem com a língua; pela serpente, já que a inveja permite mover suas entranhas e de vomitar a malícia pestilenta; pela coruja, pelo morcego e pelo coelho, visto que o invejoso age de forma insidiosa e secreta. Além dos animais citados, o lobo, o dragão e o basilisco também exprimem a inveja (VINCENT-CASSY, 1980, pp. 255- 256).

Tendo em vista os animais listados pelo bestiário de Cambridge, selecionamos o Onagro (*Onager*), conhecido e citado como Asno Selvagem, a fim de tecer considerações sobre a inveja. Tal animália, na Antiguidade latina, era descrita como de grande porte, ágil e de muita crueldade. Ninguém podia domá-lo, nem mesmo se aproximar dele, visto que sua rapidez o possibilitava fugir dos caçadores e dos grandes predadores. Com tal característica, o onagro vivia “[...] em estado selvagem por toda a zona oriental da África do Norte e na Ásia Ocidental, sobretudo na Capadócia [...], na Líbia, na Numídia, na Arábia e até na Pérsia” (CHARBONNEAU-LASSAY, 1997, p. 238, tradução nossa)<sup>4</sup>.

Os antigos admiravam o onagro. Entre os gregos ele está relacionado aos cultos ao deus do esplendor, Apolo hiperbóreo. Na mitologia caldeia, o Sol vinha à Terra, transportado em uma carruagem puxada por onagros. Como estes eram os únicos animais que o homem não podia domar, conforme diziam os Magos, nada conseguia interromper a viagem. Os antigos ainda conferiam outras propriedades singulares ao onagro. Na Ásia, acreditavam que sua carne e seu sangue atribuíam inigualável força; na Arábia, caçavam-no a procura de uma pedra maravilhosa, que havia em sua cabeça, capaz de proteger das picadas venenosas e de curar dos venenos; seu casco, fazia parte da farmacopeia mais ou menos mágica dos antigos povos do Oriente Próximo; Plínio relata que nem mesmo as águas do rio infernal Éstige, o qual tudo dissolviam, conseguiam diluí-lo (CHARBONNEAU-LASSAY, 1997, p. 238). Não obstante a essa simbologia notável do onagro, o *Physiologus* e os Bestiários, em suas descrições, fazem dele uma criatura diabólica. Essa associação pode ser comprovada, por exemplo, no capítulo dedicado ao onagro pertencente ao livro *The book of beasts*, de Terence Hanbury White.

---

<sup>4</sup> Lê-se no original: [...] en estado salvaje por toda la zona oriental del Africa del Norte y en el Asia occidental, sobre todo en Capadocia [...] en Libia, en Numidia, en Arabia y hasta en Persia.

SOUZA, Edilson Alves de; FONSECA, Pedro Carlos Louzada. Os pecados na tradição bestiária medieval: o exemplo da inveja e o Onagro.

Na segunda parte da descrição do onagro, conta-se que ele, após o dia 25 de março, zurra doze vezes durante a noite e doze vezes durante o dia, a fim de indicar a chegada do Equinócio. Assim, as pessoas eram capazes de identificar a hora do dia por meio dos zurros dele. A partir dessa caracterização, o onagro é relacionado ao diabo, que zurra noite e dia a procura de almas. O primeiro zurra para anunciar o Equinócio; do mesmo modo, o segundo zurra lamentando as almas perdidas para Deus. Vejamos a exposição de tal animália feita pela primeira parte ainda no bestiário de Cambridge:

O ONAGRO é conhecido como Asno Selvagem. Os Gregos, certamente, designavam o Asno ‘on’ e o selvagem ‘agra’. Na África há raças dessas criaturas – grandes e indomáveis e que vagam pelo deserto. Um macho de cada vez lidera o rebanho de fêmeas. Quando os filhotes machos nascem, os pais ficam com inveja deles e arrancam seus testículos com uma mordida – temendo essa situação, as mães os escondem em lugares secretos (WHITE, 1984, pp. 82-83, tradução nossa)<sup>5</sup>.

Averiguamos por meio do relato presente no bestiário, que o onagro (Figura 1) simboliza a inveja. Esta, conforme discutimos anteriormente, atinge o invejoso que, ao olhar o que o outro possui, não fica feliz. Isso ocorre no caso do onagro, uma vez que o pai, ao olhar o filhote e perceber que ele é macho<sup>6</sup>, sente inveja dele. Tal sentimento é motivado, posto que o pai não quer que o filho tenha a possibilidade de liderar o rebanho, ou seja, ele não quer perder seu monopólio nem seus “direitos” de macho.

Ao se sentir incomodado e verificar que há a possibilidade de não ser o preferido, o mais estimado, o mais amado, o invejoso acredita que o bem do outro significa seu mal, porquanto representa um empecilho para o que almeja acima de tudo: ser superior aos outros, deliciar-se com a notoriedade da supremacia, receber os elogios (CASAGRANDE, VECCHIO, 2003, p. 74). Essas considerações de Carla Casagrande e Silvana Vecchio desvelam a proximidade desse pecado com o orgulho, o que demonstra que o fio que conduz aos pecados é traçado com distinções tênues entre um pecado e outro.

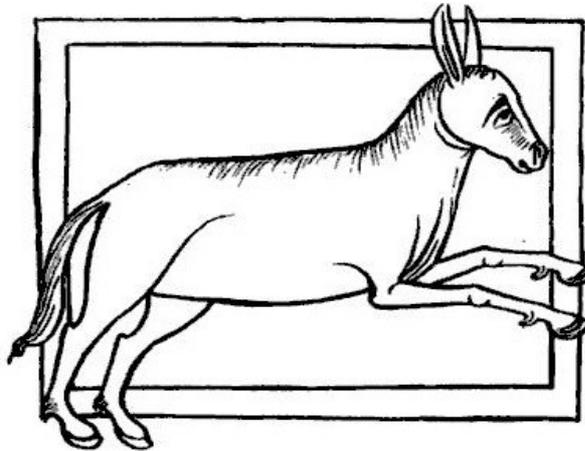
<sup>5</sup> Lê-se no original: *The ONAGER is said to be the Wild Ass. The Greeks, to be sure, called the Ass ‘on’ and they called wild ‘agra’. Africa breeds these creatures – large and untameable and wandering about in the desert.*

*One male at a time presides over the herds of females. When little males are born, the fathers get jealous of them and remove their testicles with a bite – for fear of which, the mothers hide them in secret places.*

<sup>6</sup> Sobre esse assunto, Guillaume le Clerc, em sua obra *Bestiaire divin*, expõe que se os filhotes são fêmeas, nada acontece.

SOUZA, Edilson Alves de; FONSECA, Pedro Carlos Louzada. Os pecados na tradição bestiária medieval: o exemplo da inveja e o Onagro.

Figura 1 – Onagro



Fonte: WHITE, Terence Hanbury. *The book of beasts: being a translation from a latin bestiary of the twelfth century*. London: J. Cape, 1954. p. 83.

Por causa do incômodo que sente, o onagro resolve “suprimir as diferenças” entre ele e o outro, castrando seus filhos. Casagrande e Vecchio (2003, p. 78), ao discorrerem sobre as consequências da inveja, afirmam que o invejoso busca incessantemente invalidar, ou pelo menos restringir a superioridade do outro que o faz sofrer tanto. Para alcançar seu objetivo, ele pode recorrer, em alguns casos, ao roubo, ao furto, à traição ou mesmo, nos eventos mais graves, ao homicídio.

Concernente a essa busca do onagro invejoso, averiguamos que, com o propósito de alcançar seu intuito, ele se vale da castração dos seus filhotes. Tal castração não acontece como no caso do castor, conforme descrito nos bestiários, o qual se mutila para preservar a própria vida. O sacrifício do castor é louvável, a atitude do onagro, condenável, posto que não corta seus testículos, mas os dos seus filhos, tornando-os impotentes. Nesse sentido, a inveja do pai afeta o próprio filho e, por isso, o onagro se torna uma das figuralidades bestiárias mais violentas e representativas da inveja familiar.

## Referências

BÍBLIA. Português. **A Bíblia de Jerusalém**. Nova edição rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 1985.

SOUZA, Edilson Alves de; FONSECA, Pedro Carlos Louzada. Os pecados na tradição bestiária medieval: o exemplo da inveja e o Onagro.

BÍBLIA. Português. **Bíblia sagrada**. Tradução: Centro Bíblico Católico. 84. ed. São Paulo: Ave Maria, 2010.

CASAGRANDE, Carla; VECCHIO, Silvana. **Histoire des péchés capitaux au moyen âge**. Traduit de l'italien par Pierre-Emmanuel Dauzat. Paris: Aubier, 2003.

CASSIANO, João. **Conferências**. Tradução de Aída Batista do Val. Juiz de Fora: Edições Subiaco, 2011. 3 v.

CHARBONNEAU-LASSAY, Louis. **El bestiario de Cristo: el simbolismo animal en la Antigüedad y la Edad Media**. 2. ed. Tradução de Francesc Gutiérrez. Barcelona: Sophia Perennis, 1997. 2 v.

COLASANTI, Marina. Inveja. In: YUNES, Eliana Lucia Madureira; BINGEMER, Maria Clara Lucchetti (Org.). **Pecados**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2001. p. 82-87.

ECO, Umberto. **O nome da rosa**. Tradução de Aurora Fornoni Berdinadini e Homero Freitas de Andrade. Rio de Janeiro: BestBolso, 2012.

FONSECA, Pedro Carlos. **O imaginário medieval na colônia: o bestiário em Fernão Cardim**. *Signótica*, Goiânia, v. 11, n. 1, pp. 173-184, jan./dez. 1999.

GREGORY, The Great. **Morals On The Book Of Job**. Traduzido com Notas. Disponível em: <<http://www.lectionarycentral.com/GregoryMoraliaIndex.html>>. Acesso em: 20 jun. 2014.

HORTAL, Jesus. Inveja. In: YUNES, Eliana Lucia Madureira; BINGEMER, Maria Clara Lucchetti (Org.). **Pecados**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2001. pp. 68-71.

MENDONÇA, Terezinha. Inveja. In: YUNES, Eliana Lucia Madureira; BINGEMER, Maria Clara Lucchetti (Org.). **Pecados**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2001. pp. 75-81.

RUBIO, Pedro. **Toma e lê!**: síntese agostiniana. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1996.

VAN WOENSEL, Maurice. **Simbolismo animal na Idade Média: os bestiários: um safári literário à procura de animais fabulosos**. João Pessoa: Ed. Universitária/UFPB, 2001.

VARANDAS, Angélica. A Idade Média e o Bestiário. **Medievalista Online**, Lisboa, ano 2, n. 2, p. 1-53, 2006. Disponível em: <<http://www2.fcsh.unl.pt/iem/medievalista/MEDIEVALISTA2/PDF2/bestiario-PDF.pdf>>. Acesso em: 20 jul. 2009.

VINCENT-CASSY, Mireille. L'envie au Moyen Âge. In: **Annales: Économies, Sociétés, Civilisations**. 35e année, n. 2, 1980. pp. 253-271. Disponível em: <[http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/ahess\\_0395-2649\\_1980\\_num\\_35\\_2\\_282629](http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/ahess_0395-2649_1980_num_35_2_282629)>. Acesso em: 14 dez 2013.

SOUZA, Edilson Alves de; FONSECA, Pedro Carlos Louzada. Os pecados na tradição bestiária medieval: o exemplo da inveja e o Onagro.

WHITE, Terence Hanbury. **The book of beasts**: being a translation from a latin bestiary of the twelfth century. London: J. Cape, 1984.

ZUCKER, Arnaud. **Physiologos**: le bestiaire des bestiaires. Grenoble: Éditions Jérôme Millon, 2004.